

Gramaticalização do verbo ver: uma análise comparativa no português e no espanhol

Grammaticalization of the verb ver: a comparative analysis in portuguese and spanish

Izabel Larissa Lucena Silva*
Fábio Fernandes Torres**

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar a gramaticalização do verbo “ver” no português e no espanhol, a partir de dados consultados em diferentes corpora digitais, orais e escritos, com base em Givón (1995, 2001), Gonçalves et al. (2007), Heine et al. (1991), Lehmann (2002 [1982]), Heine e Reh (1984), entre outros. Considerando-se a gramaticalização não apenas como um processo relacionado à mudança diacrônica de um item ou construção, mas também como um processo elaborativo-criativo motivado por aspectos cognitivo-comunicativos (GIVÓN, 1984), constatou-se que o verbo perceptual “ver” exerce diferentes funções, que podem ser distribuídas em um contínuo de abstratização semântica e mudança categorial.

Palavras-chave: Gramaticalização. Abstratização metafórica. Verbo ver.

Recebido em 21 de abril de 2020.

Aceito em 8 de setembro de 2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.18364/rc.v1i60.385>

*Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, izabel_larissa@unilab.edu.br, orcid.org/0000-0001-5177-8267

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, fabiofortes@unilab.edu.br, orcid.org/0000-0002-5972-5140

ABSTRACT

This paper aims to analyze the grammaticalization of the verb "ver" in Portuguese and Spanish, from data consulted in different digital corpora, oral and written, based on Givón (1984, 1995), Gonçalves et al. (2007), Heine et al. (1991), Lehmann (2002 [1982]), Heine and Reh (1984), and others. Considering grammaticalization not only as a process related to the diachronic change of an item or construction, but also as an elaborative-creative process motivated by cognitive-communicative aspects (GIVÓN, 1984), it was found that the perceptual verb "ver" have different functions, that can be distributed in a continuum of semantic abstraction and categorical change.

Keywords: Grammaticalization. Metaphoric abstraction. Verb *ver*.

Introdução

A língua portuguesa e a língua espanhola, como língua neolatinas, compartilham, em sua estrutura linguística, semelhanças funcionais bastantes significativas que instigam estudiosos das duas línguas a adotarem posturas comparativas nos fenômenos que analisam. Neste trabalho, investiga-se um fenômeno em particular: a gramaticalização do verbo "ver".

Busca-se comparar usos do verbo "ver" no português e no espanhol, segundo os postulados do Funcionalismo Linguístico e do paradigma da gramaticalização, procurando descrever e analisar as funções semânticas e pragmáticas a que se prestam tais usos, a fim de propor um contínuo de gramaticalização para esse verbo, sob o ponto de vista sincrônico. Para tanto, consideraram-se ocorrências linguísticas disponíveis em diferentes *corpora* digitais (orais e escritos).

Neste estudo, assume-se que a gramaticalização consiste em um processo de mudança linguística relacionado à mudança de estatuto categorial de um item lexical (ou menos gramatical) para gramatical ou mais gramatical (LEHMANN, 2002). A partir dessa concepção, postula-se que a gramaticalização consiste em um processo não apenas diacrônico, ligado à evolução das formas linguísticas, mas, também, em um processo sincrônico, ligado à fluidez categorial das expressões linguísticas, presa a mecanismos cognitivo-semânticos relacionados ao mapeamento metafórico envolvido na

extensão de significados concretos em usos mais abstratos, por meio da inter-relação entre domínios conceptual-cognitivos (TRAUGOTT; HEINE, 1991).

Este artigo está organizado, do ponto de vista retórico, além desta introdução, na qual se apresenta o objetivo geral deste estudo, em mais 5 seções. Na seção 1, discutem-se os postulados funcionalistas que orientam a análise do verbo “ver”. Em seguida, na seção 2, apresenta-se o processo de gramaticalização, para, posteriormente, discutir o processo de abstratização metafórica, como um importante mecanismo desencadeador de processos de gramaticalização. Na seção 3, explicitamos os critérios de delimitação dos *corpora* de análise referentes ao Português e ao Espanhol. Na seção 4, discutem-se os resultados desta análise, procurando enfatizar as semelhanças funcionais que tal verbo cumpre em ambas as línguas, de modo a propor um contínuo de gramaticalização. Por último, na seção 5, expõem-se as considerações finais e suas possíveis contribuições para os estudos que se interessam em analisar a língua a partir de uma perspectiva da fluidez categorial dos usos linguísticos.

1. A perspectiva funcionalista

O paradigma funcionalista concebe a língua como um instrumento de interação social e o sistema linguístico como um sistema de natureza adaptativa, resultante das pressões do uso. Assim, a linguagem é explicada com base nas funções comunicativas e cognitivas, e toda investigação linguística deve ser proveniente da linguagem em uso nos contextos sócio-comunicativos. Longe de ser um fim em si mesma (HALLIDAY, 2004), um conjunto de formas ou signos independentes do contexto de uso, a língua é definida, na visão funcionalista, como um correlato de funções cognitivas e comunicativas, estabelecidas na interação entre falante e ouvinte em um dado contexto de uso (DIK, 1997).

Segundo Neves (2006), partindo-se de uma concepção geral, desvinculada de modelos de propostas particulares, o Funcionalismo

Linguístico é uma teoria que se liga, acima de qualquer coisa, aos fins comunicativos a que servem as unidades linguísticas e ocupa-se, principalmente, dos meios linguísticos de expressão. Assim, o objetivo central da investigação funcionalista é descrever e analisar dois sistemas de regras: (i) as regras de constituição dos enunciados (regras fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas) e (ii) as regras que regem o uso da língua (regras pragmáticas). Sob esse ponto de vista, o primeiro conjunto de regras é instrumental em relação ao primeiro (DIK, 1989, 1997).

O funcionalismo considera, portanto, que há uma correlação motivada (icônica) entre a sistematicidade da língua e a instrumentalidade do uso linguístico, ou seja, defende-se que há uma relação não arbitrária entre forma e função, entre gramática e cognição-discurso. Em outras palavras, a expressão linguística tem a forma que tem porque cumpre, em última instância, finalidades comunicativas.

Para Givón (1984), a gramática é comparável a um organismo vivo, dentro do qual há subsistemas estruturalmente organizados e funcionalmente relacionados. A sintaxe é determinada por dois outros domínios funcionais: o semântico e o pragmático. Segundo Givón (1995), a língua não pode ser definida como um sistema autônomo porque a gramática só pode ser entendida em referência a parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução.

O estabelecimento de uma integração sistemática entre sintaxe, semântica e pragmática na investigação dos usos linguísticos é também postulado por Dik (1989, 1997). De acordo com esse autor, a pragmática é vista como um quadro abrangente no qual a semântica e a sintaxe devem ser estudadas. A semântica é instrumental em relação à pragmática, e a sintaxe, instrumental em relação à semântica.

Neves (2012) esclarece que o funcionalismo nega categorizações rígidas e imutáveis. Para a autora, um exame rápido das lições funcionalistas nos leva à admissão de que categorizações preestabelecidas, rígidas, estanques e definitivas, alheias ao uso linguístico, devem ser repudiadas, dando lugar a

uma concepção que estabelece a gradualidade das categorias linguísticas. Os conceitos que a língua expressa e a organização do pensamento humano são fortemente influenciados por processos metafóricos e metonímicos e estão ligados à flexibilização dos limites entre membros centrais, que manifestam o número máximo das características das classes centrais (prototipia), e membros periféricos (marginais). Tais comprovações cognitivistas sobre a indeterminação de fronteiras, segundo Neves (2012), dão respaldo à tendência funcionalista em reconhecer o caráter de fluidez categorial dos itens e das expressões linguísticas.

2. O processo de gramaticalização

Segundo Gonçalves et al. (2007), a gramaticalização pode ser considerada paradigma, quando se observa, em um estudo, como as formas gramaticais e construções surgem e como são usadas, e pode ser considerada processo, quando a preocupação do estudo está voltada para descrever como itens gramaticais se tornam mais gramaticais. Esses estudos podem ser feitos em duas perspectivas, segundo os autores: a) diacrônica – se a preocupação é explicar como as formas gramaticais surgem e se desenvolvem na língua; b) sincrônica – quando se procuram identificar os graus de gramaticalidade que uma forma desenvolve a partir dos deslizamentos funcionais sofridos por ela.

Em linhas gerais, a gramaticalização tem sido entendida como um processo pelo qual uma expressão linguística adquire propriedades gramaticais ou quando se torna ainda mais gramatical, ou seja, tem sua gramaticalidade ampliada. Isso pressupõe que as formas da língua podem ser distribuídas em duas categorias principais: (i) aquelas que possuem apenas um estatuto lexical – elementos autosssemânticos, que fazem referência ao universo biossocial, designando qualidades, entidades etc – os itens lexicais; e (ii) aquelas que possuem um estatuto gramatical, que expressam noções gramaticais, como tempo, aspecto, pessoa etc e valores relacionais, como é o caso das preposições e conjunções – os itens gramaticais. Essas categorias,

contudo, não podem ser vistas como discretas, mas como portadoras de um conjunto de propriedades que permitem identificar um elemento pertencente a uma ou outra categoria.

Heine e Reh (1984) procuram compreender o mecanismo interno do processo de gramaticalização, deixando em segundo plano a preocupação de saber onde a gramaticalização começa e termina. Os autores distinguem três tipos de processos que afetam todos os níveis da estrutura linguística: (a) processo funcional: dessemantização, expansão, simplificação e fusão; (b) processo morfossintático: permutação, composição, cliticização, afixação e fossilização; (c) processos fonéticos: adaptação, erosão, fusão e perda.¹ Esses processos, em alguma medida, se arranjam entre si e refletem a ordem cronológica em que aparecem, isto é, um processo funcional cronologicamente precede um processo morfossintático e um processo fonético. Portanto, se uma unidade linguística sofre dessemantização e cliticização, esses processos ocorrem exatamente nesta ordem.

Heine e Reh (1984, p. 67) listam algumas observações gerais que podem ser verificadas quando uma forma sofre um processo de gramaticalização. Quanto mais avançado esteja o processo de gramaticalização de uma forma linguística,

- a) mais ela perde em complexidade semântica, significância funcional e/ou valor expressivo;
- b) mais ela perde em significância pragmática e ganha em significância sintática;
- c) mais reduzido é o número de membros pertencentes ao mesmo paradigma morfossintático;
- d) mais sua variabilidade sintática decresce, isto é, mais sua posição na oração torna-se fixa;

1 Os termos em inglês são os seguintes: (a) functional process: dessemanticization, expansion, simplification, and merger; (b) morphosyntactic process: permutation compounding, cliticization, affixation, and fossilization; (c) phonetic process: adaptation, erosion, fusion, and loss.

- e) mais seu uso torna-se obrigatório em certos contextos e agramatical em outros;
- f) mais se coalesce semântica, morfossintática e foneticamente com outras unidades;
- g) mais perde em substância fonética. (HEINE; REH, 1984, p. 67, tradução nossa)²

Givón (1971) representa uma importante contribuição para os estudos gramaticais e para a compreensão da sintaxe sincrônica de uma língua. A asserção givoniana mais conhecida e repetida entre os que se dedicam aos fenômenos sintáticos e aos processos de gramaticalização é, sem dúvida, a de que “a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem” (GIVÓN, 1971, p. 413)³. Segundo o funcionalista norte-americano, “para compreender as morfologias e as morfotáticas atuais de uma língua, devem-se construir hipóteses específicas sobre a ordem sintática e estrutura transformacional da língua em algum estágio anterior de seu desenvolvimento histórico” (GIVÓN, 1971, p. 394, tradução nossa)⁴.

Mais tarde, Givón (1979) apresenta uma revisão de seus pressupostos que inclui a pragmática como o maior parâmetro para entender a estrutura linguística em geral e o desenvolvimento de estruturas sintáticas e categorias

-
- 2 a) the more it loses in semantic complexity, functional significance, and/or expressive value;
b) the more it loses in pragmatic and gains in syntactic significance;
c) the more reduced is the number of members belonging to the same morphosyntactic paradigm;
d) the more its syntactic variability decreases, that is, the more its position within the clauses becomes fixed;
e) the more its use becomes obligatory in certain contexts and ungrammatical in others;
f) the more it coalesces semantically, morphosyntactically, and phonetically with other units;
g) the more it loses in phonetic substance.”
 - 3 Today’s morphology is yesterday’s syntax.
 - 4 In order to understand current morphologies and morphotactics of a language, one must construct specific hypothesis about the syntactic order and transformational structure of the language at some earlier stage of its historical development.

gramaticais em particular. Sob esse aspecto, uma nova asserção, que engloba a primeira, ganha destaque: “a sintaxe de hoje é a pragmática discursiva de ontem”. Givón argumenta que, no processo de gramaticalização, um modo mais pragmático de comunicação dá lugar a um modo mais sintático, em que estruturas discursivas paratáticas frouxas evoluem para estruturas sintáticas fechadas, obedecendo ao modelo apresentado a seguir: discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmica > zero (Fonte: GIVÓN, 1979, p. 209)

Lehmann (2002 [1982]) define gramaticalização como “um processo pelo qual não apenas um item lexical pode mudar para um item gramatical, mas também de um estatuto menos gramatical para um estatuto mais gramatical” (LEHMANN, 2002, p.10, tradução nossa)⁵. O linguista adverte para o fato de um processo de gramaticalização ser uma mudança gradual de estado, como um processo em aberto. Embora muitos autores tenham restringido o processo de gramaticalização à passagem de uma construção analítica para uma construção sintética, esse processo de aglutinação se refere a uma fase mais avançada do processo de gramaticalização.

Hopper (1991) retoma as contribuições de Meillet (1912), que introduziu o conceito de gramaticalização, com a preocupação de descrever e explicar a mudança. A partir de uma releitura da noção de gramaticalização, principalmente dos parâmetros propostos por Lehmann (1982), o linguista propõe os cinco princípios de gramaticalização, que têm por objetivo identificar casos potenciais de gramaticalização⁶ ainda em estágios iniciais, visto que os parâmetros propostos por Lehmann flagram estágios mais avançados de gramaticalização: (1) estratificação (layering) – dentro de um domínio funcional amplo, novas camadas estão continuamente

5 as a process which may not only change a lexical into a grammatical item, but may also shift an item from a less grammatical to a more grammatical status.

6 O termo usado por Hopper é “gramaticização” (grammaticization), mas usaremos aqui o termo “gramaticalização”, por ser o mais recorrente. Na segunda nota de referência, Hopper esclarece que usa o termo “gramaticização” em vez de “gramaticalização” porque o último sugere que as formas resultantes são gramaticais, isto é, parte da gramática.

surgindo, ainda que as camadas mais velhas não sejam necessariamente descartadas, visto que podem coexistir e interagir com as camadas mais novas; (2) divergência – quando uma forma lexical sofre gramaticalização, a forma original pode permanecer como um elemento autônomo e sofrer as mesmas mudanças como um item lexical qualquer; (3) especialização – em determinado estágio, dentro de um domínio funcional, há várias formas com diferentes nuanças semânticas; quando a gramaticalização se realiza, um número menor de formas assumem significados gramaticais mais gerais; (4) persistência – quando uma forma sofre gramaticalização de uma função lexical para uma função gramatical, alguns traços de seu significado lexical original tendem a aderir a ela e detalhes de sua história lexical podem ser refletidos em restrições de sua distribuição gramatical; (5) decategorização - formas que estão sofrendo gramaticalização tendem a perder ou neutralizar marcas morfológicas e propriedades sintáticas características das categorias plenas de nome e de verbo e assumir atributos característicos de categorias secundárias, tais como adjetivo, particípio, preposição etc (HOPPER, 1991).

Abstratização metafórica

A abstratização metafórica é um importante princípio cognitivo que atua no processo de gramaticalização. Segundo Heine et al. (1991, p. 150), “por meio desse princípio, conceitos concretos são empregados para entender, explicar ou descrever fenômenos menos concretos”, mais abstratos. Assim, experiências não físicas, mais abstratas, são definidas em termos de entidades mais físicas, concretas, como, por exemplo, o tempo, que pode ser definido em relação a noções como espaço ou as relações de causalidade, que podem ser delineadas a partir de noções espaciais.

O que está em jogo nessas relações é a manipulação cognitivo-pragmática relacionada a dois processos cognitivos fortemente ligados ao modo como a mente humana organiza e categoriza a realidade: a metáfora e a metonímia. A metáfora, segundo Lakoff e Johnson (1980), define-se como

um processo cognitivo relacionado à transferência conceptual, que aproxima domínios cognitivos distintos. A metonímia, por outro lado, tem relação com a motivação pragmática, posto que se refere à reinterpretação do significado da expressão linguística induzida pelo contexto pragmático.

A mudança linguística relacionada à gramaticalização é motivada por processos metafóricos, relacionados à abstratização metafórica dos itens e a construções da língua, ou seja, ao modo como o ser humano compreende e conceitua a realidade que o cerca. É por meio da abstratização metafórica (particularmente a relacionada ao tipo *structure-changing abstraction*) que entidades concretas são recrutadas metaforicamente para expressar sentidos mais abstratos.

Para Lakoff e Johnson (1980), a metáfora não pode ser entendida como uma figura de linguagem, ligada à imaginação poética. Na verdade, para esses autores, a metáfora está presente no cotidiano da vida das pessoas, o que significa dizer que não diz respeito apenas à linguagem, mas ao pensamento e às ações dos seres humanos. O sistema conceptual humano é essencialmente metafórico, ou seja, só há metáforas como expressões linguísticas porque existem metáforas no sistema conceptual das pessoas.

Segundo Heine et al. (1991), há dois subtipos de metáforas: (i) a metáfora criativa, que se refere a aspectos de ordem psicológica na formação de novos vocábulos e expressões; (ii) a metáfora emergente, que tem natureza categorial e diz respeito à motivação pragmática, uma vez que não se formam novos itens ou construções, mas velhas formas são reintroduzidas em novos contextos, assumindo, por extensão de significados, novas funções.

A metáfora emergente, categorial, é o subtipo que interessa ao estudo da gramaticalização, pois tem relação com o desenvolvimento das estruturas gramaticais em termos de alguma categoria mais básica, concreta. Assim, na descrição das categorias linguísticas, parte-se, unidirecionalmente, do elemento mais concreto - básico - para se chegar às categorias mais abstratas, em um contínuo que tem a seguinte configuração: pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade.

A partir do reconhecimento de tais postulados, Heine et al. (1991, p. 46) estabelecem as seguintes propriedades envolvidas na gramaticalização do verbo *to go* do inglês: (i) significados metafóricos são definidos em termos de outros significados literais; (ii) domínios conceptuais mais abstratos são definidos em termos de outros domínios mais concretos, por meio de transferência ou mapeamento metafórico; (iii) significados concretos são mais facilmente identificáveis que significados abstratos (e o falante reconhece isso); (iv) violações de regras e anomalias são aparentemente geradas; (v) conceitos do mundo real são utilizados para referir-se a conceitos inanimados; (vi) a expressão metafórica pode, em determinados contextos, ser compreendida em seu sentido literal, gerando-se, assim, ambiguidades.

É importante, ainda, ressaltar o papel complementar da metonímia no desenvolvimento de processos de gramaticalização. Lakoff e Johnson (1980) compreendem a metonímia não como recurso retórico relacionado à linguagem expressiva, mas como um mecanismo provedor de entendimento cuja principal função é definir uma entidade em termos de outra. Isso revela que conceitos metonímicos são sistemáticos, pois se ligam aos pensamentos, às ações e às falas e podem ser exemplificados, principalmente, por meio de relações de substituição da parte pelo todo, do produto pela marca, do objeto pelo usuário.

Neves (1997) esclarece que, enquanto a metáfora diz respeito à transferência conceptual e tem relação com diferentes domínios cognitivos, a metonímia se refere à reinterpretação induzida pelo contexto e tem relação com conceitos interseccionados. Na metáfora, a mudança semântica ocorre a partir de categorias descontínuas (espaço, tempo ou qualidade); na metonímia, a mudança semântica ocorre a partir de uma escala contígua entre categorias ou conceitos, que estão metonimicamente relacionadas. Apesar de esses dois processos serem distintos, Heine et al. (1991) afirmam que a metáfora (do tipo emergente) pressupõe a metonímia, o que significa dizer que tais processos não são mutuamente exclusivos, mas complementares.

Além das noções de metáfora e metonímia, outro conceito importante na discussão sobre a gramaticalização do verbo perceptual “*ver*” no português

e no espanhol diz respeito à noção de prototipia, estabelecida por Rosch (1973). Segundo essa autora, o protótipo constitui o membro mais central de uma categoria, ou seja, o membro que apresenta o maior número de propriedades de uma dada categoria. Dessa forma, os membros que possuem o maior número de traços característicos de uma determinada categoria estão mais próximos do protótipo, ao passo que os membros com um número menor de traços estão mais distantes.

Givón (1984) esclarece que a gramaticalização é essencialmente um processo de mudança metafórica dos protótipos, pelo qual itens gramaticais são desenvolvidos a partir de itens lexicais. Nesse sentido, no processo de gramaticalização do verbo “ver”, o significado mais básico envolvido nesse processo seria o relacionado à percepção visual (“ver com os olhos”), o protótipo, sendo esse significado a forma fonte a partir da qual outros significados se desenvolvem, como os significados relacionados à inferência ou a funções discursivas (marcadores discursivos).

3. Metodologia

Neste estudo, consideraram-se, para a análise comparativa da gramaticalização do verbo perceptual “ver” no português e no espanhol, ocorrências de uso provenientes dos seguintes *corpora*:⁷

- (i) Português - as ocorrências foram consultadas no Corpus do Português, *corpus* eletrônico composto por um bilhão de palavras, retiradas de páginas da Web de quatro países de língua portuguesa, dentre eles Portugal e Brasil. Além disso, foram coletadas ocorrências do CENTENFolha, *corpus* eletrônico composto por cerca de 24 milhões de palavras do português do Brasil, constituído por textos do jornal Folha de São Paulo publicados no ano de 1994.

7 Esporadicamente, alguns exemplos foram extraídos de dissertações ou coletados na internet, tanto para o português quanto para o espanhol.

- (ii) Espanhol - as ocorrências foram consultadas na variedade de Valência, provenientes do PROSEEA - Proyecto para El Estudio del Español de España y de América, que conta com uma equipe de pesquisadores em vários países. Atualmente, existem equipes coletando dados em Espanha, Colômbia, México, Porto Rico, República Dominicana, Venezuela e em Miami.

4. Análise e discussão dos usos do verbo *ver* no português e no espanhol

O verbo “*ver*” integra a categoria dos verbos perceptuais, que “se caracterizam por expressar uma percepção sensorial, estabelecendo uma “relação direta entre o experienciador da percepção e o evento percebido” (MATOS, 2012, p. 39). Carvalho (2004) afirma que os verbos perceptuais podem categorizar cláusulas que expressam em seu conteúdo semântico algo que é resultado da percepção sensorial ou intelectual do referente-sujeito da oração matriz. Para Vendrame-Ferrari (2012), os verbos de percepção tendem a assumir um valor evidencial, haja vista que é por meio deles que se “apreende muitas informações sobre o mundo” (VENDRAME-FERRARI, 2012, p. 102).

Freire (2009) classifica em três subtipos a percepção visual, a saber: (i) percepção direta (experiência sensorial realizada a partir da visão); (ii) percepção indireta (experiência cognitivo-inferencial realizada a partir de pistas contextuais disponíveis na situação comunicativa); (iii) percepção imaginativa (construto mental realizado a partir do conhecimento pragmático do falante, ou seja, com base em suas suposições e crenças).

D’Aglio-Hattner (2018) explica que os verbos perceptuais (*ver*, *ouvir* e *sentir*) podem manifestar diferentes funções evidenciais: (i) percepção de evento - o falante indica que o estado-de-coisas descrito na situação foi testemunhado por ele; (ii) dedução - o falante indica que deduziu uma informação a partir de uma evidência disponível no contexto; (iii) inferência - o falante indica que inferiu um conteúdo proposicional com base em seu conhecimento de mundo;

(iv) reportatividade - o falante indica que um conteúdo foi indiretamente atestado por meio de um relato de fonte definida ou indefinida.

As ocorrências (01), (02), (03) e (04), a seguir, revelam, respectivamente, essas funções do verbo perceptual “*ver*” no português:

(01): “Eu só **vi** o homem correr entre as barracas, cabelos negros, camiseta e calça preta, com a pistola na mão.” (CETENFolha. Acesso em: 30 de abril).

(02): “Depois, abri um bocadinho, **vi** que tinham ido embora e fugimos para as matas.” (CENTEMPúblico. Acesso em 30 de abril).

(03): “Quanto a mim, **vejo** que não tinha escrito porque me considerava um «xogunzinho» (como outros que Da Matta aponta), um dono da verdade que o povo assustou e refutou.” (CETENFolha. Acesso em: 30 de abril).

(04): “« Eu **vi** no jornal que o Fernando Henrique queria trocar o vice por um de mais credibilidade », declarou.” (CETENFolha. Acesso em: 30 de abril).

Essas funções ligadas ao domínio evidencial (percepção de evento, dedução, inferência e reportatividade) são ilustradas, respectivamente, nas ocorrências (05), (06), (07) e (08), adiante, no espanhol:

(05): “Écija muy bonita también/ lo **he visto**/ ee- iba todos los veranos de pequeña// muy bien/ la ciudad de las torres le llaaman/ la sartén de Andalucía (PRESEEA, VAL00111MC01).⁸

(06): “yo recuerdo que no me apetecía estudiar// y hoy me arrepiento/// pues sí/ porque **he visto** que con los estudios tienes mejores// trabajos” (PRESEEA, VAL00412MC01).⁹

8 A identificação do código é a seguinte: VAL: Cidade de Valência; 001: número de ordem do informante; 1: grau de instrução (estudos primários); 1: Idade (20 – 34 anos); M: sexo, mulher; C: língua habitual (falante do castelhano e bilingue passivo; 01: ano de coleta da entrevista (2001).

9 A identificação do código é a seguinte: VAL: Cidade de Valência; 004: número de ordem do informante; 1: grau de instrução (estudos primários); 2: Idade (35 – 55 anos); M: sexo, mulher; B: língua habitual (falante do castelhano e bilingue passivo; 01: ano de coleta da entrevista (2001).

(07):B: yo creo que lo ideal ahora mismo son dos

A: ¿y por qué?

B: porque uno lo veo muy poco// yy- y más de dos/ yo ahora que tengo unaa/ **veo** que eso es una responsabilidad MUUY grande/ (PRESEEA, VAL00111MC01).

(08):”¡oiga! mientras han esta(d)o en mi casa/ mientras han esta(d)o en mi casa/ ¿eh?/ mi hijo yoo lo **veo** en la televisión que ha esta(d)o haciendo caballitos/ con cascos (PRESEEA, VAL00213HB01).¹⁰

As ocorrências (01) e (05) mostram o verbo “*ver*” em sua acepção mais básica, ou seja, concreta, ligada à percepção sensorial visual. Em (02) e (06), observa-se que o verbo “*ver*” indica que o conteúdo encaixado na cláusula principal foi deduzido a partir de uma percepção sensorial visual, que constitui o *input* (“gatilho”) para o processo dedutivo. Em (03) e (07), o verbo “*ver*” encaixa um conteúdo proposicional (constructo mental), fruto do raciocínio lógico do falante, que, com base no conhecimento de mundo que tem, infere o conteúdo descrito na situação. Nessas três acepções, podemos dizer que o falante se apresenta como fonte da informação; todavia, o sentido de “*ver com os olhos*” sofre uma abstratização e passa a significar “*ver com a mente*”. Esse sentido de “*ver com a mente*” pode, ainda, ganhar conotações diferentes, a depender do *input* envolvido no processo inferencial: a inferência pode ser baseada em uma evidência sensorial visual ou no conhecimento que o falante tem armazenado em sua memória de médio ou longo prazo. Por fim, nas ocorrências (04) e (08), observa-se que o verbo “*ver*” encaixa um conteúdo na forma de discurso indireto, assumindo uma acepção reportativa (citativa). Nessa função, o

10 A identificação do código é a seguinte: VAL: Cidade de Valencia; 002: número de ordem do informante; 1: grau de instrução - estudos primários; 3: idade (maior de 55 anos); H: sexo (homem); B: língua habitual: bilingue (valenciano- castelhanos); 01: ano de coleta da entrevista (2001).

“*ver*” indica que a informação foi obtida por meio do “*ouvir-dizer*”, ou seja, trata-se de uma informação cuja fonte não é o falante (fonte indireta).

Vimos que o processo de gramaticalização tem relação com a expansão ou alargamento do escopo de uso de um dado item ou construção, o que quer dizer que elementos lexicais com menor escopo desenvolvem-se em itens gramaticais com escopo maior de atuação. Tal previsão diacrônica tem repercussões sincrônicas, uma vez que, se o verbo “*ver*” é polissêmico, isto é, exerce diferentes papéis semânticos, em razão de um processo de abstratização metafórica (pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade), isso significa dizer que o verbo “*ver*” alarga suas funções em uma trajetória unidirecional, que tem como domínio fonte o uso mais concreto do verbo (“*testemunhar algo com a visão*”) para usos mais abstratos cujas funções se distribuem em um *cline* de abstratização metafórica, a saber: percepção visual > inferência baseada em evidência visual > inferência baseada nas suposições e crenças do falante > uso reportativo/citativo do termo.

Tais funções demonstram que o verbo “*ver*” tem seu domínio funcional ampliado, ou seja, novas camadas surgiram, embora a camada mais “*velha*” não tenha sido descartada, visto que, como vimos, pelo subprincípio de estratificação, o surgimento de novas funções atreladas a velhas formas não implica, necessariamente, o desaparecimento das camadas mais velhas.

Além disso, é possível observar que alguns traços semânticos do significado lexical do verbo “*ver*” tendem a permanecer (subprincípio da persistência) em relação às novas camadas funcionais. Vendrame-Ferrari (2012) mostra que o verbo “*ver*”, para ter sentido evidencial, precisa estar na primeira pessoa do singular, no modo indicativo e no tempo passado. Tais restrições categoriais tem relação com a forma lexical original do verbo “*ver*” (fonte do processo de gramaticalização), pois “*ver*” no sentido mais concreto do termo, ou seja, “*atestar um estado-de-coisas por meio da visão*” implica as seguintes características: primeira pessoa do singular (o centro dêitico da oração é o próprio falante, que se apresenta como fonte do conteúdo atestado por meio da visão), modo indicativo (o estado-de-coisas só pode ser atestado

por meio da visão se tem (teve) existência em um dado mundo) e tempo passado (não se pode ter presenciado um evento que ainda não aconteceu).

Além de funções ligadas ao domínio evidencial, o verbo perceptual “ver” pode, ainda, assumir outras funções. Numa acepção desprovida de valor referencial, o verbo “ver” assume características discursivas (pragmáticas), relacionadas à organização do discurso e/ou ao monitoramento da interação, como é possível verificar nas ocorrências (09), (10) e (11), a seguir, no português, e (12), (13) e (14), no espanhol:

(09): “essa regra não acontece pois mesmo assim os preços de aqui são totalmente acessíveis. **Veja bem**, um trabalhador operário em fábricas, o que aqui nós “« carinhosamente...” (Corpus do Português. Acesso em: 03 de julho).

(10): Ora, **vejamos** uma coisa: uma Ministra diz que está lá em Pernambuco, o outro Ministro diz que é teatro e o Presidente Lula ontem de novo, outra vez, novamente, vem induzir-nos a acreditar em textos mentirosos que vêm do Palácio, isso é inaceitável (LUCENA, 2008).

(11): “a qualidade do que se apresentou no palco. E tem mais, **viu**? Não houve uma briga, assalto, furto! O Carnaval vai seguir essa.” (Corpus do Português. Acesso em: 03 de julho).

(12): **¡HABRASE VISTO!** Nos dejan sin cabinas telefónicas y cualquier día nos venderán la historia de que hay que quitar los nombres de las calles porque los navegadores no los necesitan (Diario Sur, 31 dez. 2018. Acesso 30 jul. 2019).

(13) A: ee/ muy bien// **vamos a ver**/ ee// ¿viajar te gusta? (PRESEEA, VAL00412MC01).

(14) si no les dices como yo a los míos/ lees- lees- enseguidaa les dije **¡a ver!** unn- un piso// y a la chiquilla también otro piso/ tengo un hijo y una hija// puess// se lo gastarían también/ aunque ya le digo/ no estoyy// ee estoy contento con ellos y no me puedo quejar (PRESEEA, VAL00712HC01).

Nas ocorrências de (09) a (14), o verbo “ver” sofre um esvaziamento de significado referencial, prestando-se a funções discursivas, ligadas ao

monitoramento da interação. Em português, a construção “veja bem” em (09) funciona como um preenchedor de pausa, exercendo importante função no planejamento/monitoramento do discurso do falante. Em (10), a construção “vejamos (uma coisa)” funciona como um elemento catafórico, pois sinaliza para aquilo que o falante irá comunicar. Na ocorrência (11), o item “viu” exerce função de marcador ilocucionário, na interação entre falante e ouvinte. Em espanhol, na ocorrência (12), a expressão “habrase visto” é um marcador discursivo com função epistêmico-attitudinal e indica descontentamento ou desacordo com uma determinada situação, a partir da qual o enunciado ancorado na expressão faz sentido. Nas ocorrências (13) e (14), as construções “vamos a ver” e “a ver” também não têm valor referencial, não descrevem um evento decorrente do verbo “ver”, mas assumem função extraoracional, como retomada do turno, preenchimento do turno de fala etc.

Destacam-se, ainda, usos do verbo “ver” em construções em que o significado expresso não está no item verbal em si, mas na construção como um todo, seja perifrástica ou não. Essas construções não podem ser consideradas expressões idiomáticas, pois, como esclarece Xatara (1998a, 1998b), seria necessário que funcionassem como unidades lexicais cristalizadas, ou seja, como expressões lexicais com distribuição sintagmática restrita ou fechada. As ocorrências (15), (16), (17) e (18), a seguir, ilustram esses usos em português; por sua vez, as ocorrências (19), (20), (21) e (22), adiante, exemplificam essas construções em espanhol:

(15): “se esbaldar brincando na areia e se refrescando no mar!! **Não vejo a hora de chegar** o verão para levá-la a praia novamente!” (Corpus do Português. Acesso em: 03 de julho).

(16): “Eu desliguei a água, eu ... na máquina, a gente põe só pra centrifugá, a ciça lava tudo na mão. Pra passar, eu passo o estritamente necessário. Né? E isso assim, mas o que não é necessário, essas coisas num precisa. Vamo economizá **pra vê se ... acaba** com essa coisa. Né? Cabô?” (MATOS, 2012, p. 109)¹¹.

11 Os exemplos (16), (17) e (18) foram retirados da dissertação de mestrado de Matos (2012).

(17): “E o que você acha da festa ser na praça? Cê acha que a festa tem de ser na praça?”

Ah eu acho que tem senão tira a tradição da cidade, num **tem nada a ver** mudar a festa pra outro lugar, num fais o estilo. Eu acho que começô lá tem que sempre ser lá porque é lá que todo mundo conhece, é lá que todo mundo gosta” (MATOS, 2012, p. 110).

(18): “Vestibular? Preparado num tô ainda não. Mas eu quero fazer fono, sempre quis fazer fono, sempre quis, meu pai que ... Meu pai mexe com ... aparelho auditivo, então ele conhece muita fono. Aí ele deu a ideia e tal, pra ele é mais fácil né pra me ajudar, pra me pô no ramo, aí eu decidi fazê. Agora vou tentá o ENEM, se Deus quisé (risos), e **vâmo ver** né” (MATOS, 2012, p. 111).

(19): “perdona/ pero a mí es que me da un poco de kjj/ porque le ponen ketchup/ oo salsa brava/ que eso **no tiene nada que ver**” (PRESEEA, VAL01112MC02).

(20): “Bueno, **voy a ver si me entero** de que coño está pasando por el mundo...” (Jaume Mayor, en twitter. Acesso em 30 de jul. 2019).

(21): “El próximo partido es el último mío con esta camiseta y después **veré si sigo jugando** en otro lado; ya lo decidí esta semana”. (Cristian Agosto, futbolista - El Diario, 27 may. 2016. Acesso em 30 de jul. 2019).

(22) ¡No vuelvas en mi presencia a pegar ninguna mujer, ni a maltratar a ningún animal, porque **te verás conmigo**, malnacido! (José María Ballester Sansano, in Matapavos. Acesso em 30 de jul. 2019)

Na ocorrência (15), a construção com o verbo “*ver*” (“não vejo a hora de + V2”) assume o sentido de indicar a expectativa do falante no que se refere à realização de um determinado evento (a chegada do verão). Em (16), a construção com o verbo “*ver*” (“pra vê se + V2”) indica a finalidade da ação de “economizar”. É interessante observar que essa finalidade é colocada no campo da possibilidade. Na ocorrência (17), a construção “*ter nada a ver*” demonstra a discordância do falante em relação àquilo que lhe é perguntado.

Caso a expressão não tivesse o advérbio de negação, a construção denotaria, ao contrário, a concordância do falante. Assim, a função dessa construção é indicar a avaliação do falante em relação a um determinado estado-de-coisas. Em (18), a construção “vamos ver” revela a expectativa (esperança) do falante em relação à ocorrência de um dado estado-de-coisas. Como podemos ver, de modo geral, as construções apresentadas revelam a atitude, a expectativa, a esperança do falante, funcionando, em sentido amplo, como marcas modalizadoras.

Em espanhol, as construções com o verbo “ver” nas ocorrências (19), (20), (21) e (22) têm valor atitudinal, por parte do falante. Em (19), o escopo da discordância é o conteúdo do enunciado que antecede a expressão, avaliado como inadequado pelo falante. Em (20), a atitude do falante é prospectiva em relação a uma situação ou evento que vai acontecer, revelando certo grau de comprometimento com esse evento ou com a probabilidade de sua realização. Em (21), de forma semelhante, a construção denota uma atitude prospectiva do falante, associada à possibilidade de ocorrência do conteúdo descrito na situação, com menor grau de comprometimento. Em (22), a construção revela a ameaça do falante quanto ao comportamento do ouvinte, indicando uma relação condição-consequência.

Considerando-se que a gramaticalização não diz respeito apenas à mudança diacrônica de um item ou construção, mas tem relação com processos elaborativo-criativos motivados por aspectos cognitivo-comunicativos originados nas interações linguísticas (GIVÓN, 1984), pode-se perceber que o verbo “ver” apresenta-se como um forte “candidato” à gramaticalização, uma vez que exerce diferentes funções, que podem ser distribuídas em um contínuo de abstratização semântica e mudança categorial. No quadro 1, a seguir, propõe-se um percurso de gramaticalização do verbo “ver”, no português e no espanhol, considerando-se, além dos usos evidenciais, as demais construções com o verbo “ver” e os usos discursivos (marcadores discursivos). Nesse sentido, pode-se verificar que os usos reportativo e discursivo do verbo “ver” estão em estado mais avançado de abstratização metafórica.

Quadro 1. Percurso de gramaticalização do verbo “ver” no português e no espanhol.

Tipo	Função cognitivo-perceptual	Gramaticalização
percepção de evento	evento atestado pela visão.	+ concreto
dedução	evento deduzido a partir de pistas contextuais presentes na situação comunicativa.	
inferência	evento inferido a partir do conhecimento linguístico- pragmático.	
construções com o verbo “ver”	atitude do falante em relação àquilo que diz.	
reportativo	conteúdo reportado, indiretamente, por meio de fonte definida ou indefinida.	
marcador discursivo	constituente extraoracional, com função discursiva.	
		+ abstrato

Os usos do quadro 01 corroboram a concepção de que os significados não físicos do verbo “ver” (mais abstratos) originam-se de significados físicos (mais concretos), por um processo de metaforização, como aponta Sweetser (1990). Essa extensão de significados do mundo físico para se referir a estados cognitivos tem relação com a metáfora MIND-AS-BODY (metáfora de base corporal), que é motivada pela correspondência entre nossas experiências externas e nossos estados mentais, cognitivos.

Considerações finais

A análise empreendida neste trabalho teve como objetivo investigar, comparativamente, a gramaticalização do verbo “ver” no português e no espanhol. Os dados da pesquisa demonstram que o predicado “ver” constitui meio linguístico multifuncional para a manifestação da evidencialidade em português e em espanhol: evidência direta, evidência indireta (inferencial e reportativa). Além disso, registraram-se usos em que o verbo “ver” aparece

em construções, que, de modo geral, têm a função de revelar a atitude do falante, indicando suas expectativas, esperanças, opiniões e diferentes graus de comprometimento. Destacam-se, ainda, usos desprovidos de valor referencial, cuja função é essencialmente discursiva (como marcador ilocucionário ou preenchedor de pausa).

O percurso de mudança semântica, revelado pela abstratização metafórica, demonstra uma diluição das fronteiras funcionais do verbo, que amplia seus usos para funções mais abstratas, relacionadas à evidencialidade reportativa e à função de marcador discursivo. Esse percurso parece apontar para a seguinte trajetória de gramaticalização, tanto no português quanto no espanhol: percepção visual > inferência sensório-visual > inferência lógico-pragmática > atitude do falante > reportativo > marcador discursivo.

Referências bibliográficas

CARVALHO, C. S. **Cláusulas encaixadas em verbos causativos e perceptivos**: uma análise funcionalista. 2004. 251f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. A expressão lexical da evidencialidade: reflexões sobre a dedução e a percepção de evento. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 8, n. esp., 2018.

DIK, C.S. **The theory of functional grammar**. Parte 1: The structure of the clause. Dordrecht: Foris Publication, 1989.

_____. **The theory of functional grammar**. Part 2: Complex and derived constructions. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

DUBOIS, J. Competing Motivations. In: HAIMAN, J. (org.). **Typological Studies in Language**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1984.

FREIRE, G. A. N. Sobre percepção e negação de eventos no PB. **Revista Interdisciplinar**. Ano IV, v. 9, 2009, p. 67-77.

GIVÓN, Talmy. **On Understanding Grammar**. New York: Academic Press, 1979a.

_____. **Syntax I**. New York: Academic Press, 1984.

_____. **Discourse and Syntax: Discourse and Syntax**. New York: Academic Press, 1979b.

_____. **Historical syntax and synchronic morphology: an archaeologist 'field trip**. Chicago Linguistic society 7: 394 –415, 1971.

_____. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

_____. **Syntax: an introduction**. Vol 1. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Company, 2001.

GONÇALVES, S. L. et al. Tratado Geral sobre Gramaticalização. In: GONÇALVES, S. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (org.). **Introdução à gramaticalização**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. New York:Oxford University Press Inc., 2004.

HEINE, B.; REH, M. **Grammaticalization and reanalysis in African languages**. Hamburg: Helmut Buske Verlag, 1984.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOPPER, P. J. On Some Principles of Grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (ed.). **Approaches to Grammaticalization**. VI. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1980.

LEHMANN, C. **Thoughts on grammaticalization**. VI. 2ed. Erfurt: Arbeitspapiere des Seminars für Sprachwissenschaft der Universität Erfurt, (2002 [1982]).

LUCENA, I. L. **A expressão da evidencialidade no discurso político: uma análise da oratória política da Assembleia Legislativa do Ceará**. 2008. 110f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

MATOS, P. T. **Evidências sobre a polissemia e a gramaticalização do verbo “ver”**. Dissertação (Mestrado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

MEILLET, A. L'évolution des formes grammaticales. In: MEILLET, A. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Champion, 1912, p. 130-148.

NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997
_____. **Texto e Gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **A gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros**. São Paulo: Editora Parábola, 2012.

ROSCH, E. Natural categories. **Cognitive Psychology**. V. 4, 1973.

SWEETSER, E. **From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRAUGOTT, Elisabeth Closs; HEINE, Bernard (ed.). **Approaches to Grammaticalization**. VI. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991, p. 17-35.

VENDRAME-FERRARI, V. Verbos de percepção em construções evidenciais de acordo com o modelo da gramática discursivo-funcional. **Revista Linguística**, V. 8, n. 1, 2012.

XATARA, C. M. O campo minado das expressões idiomáticas. **Alfa**, nº 42 (n. esp.), São Paulo: UNESP, 1998a. p. 147-159.

_____. Tipologias das as expressões idiomáticas. **Alfa**, nº 42 (n. esp.), São Paulo: UNESP, 1998b. p. 169-175.